

Revista de Agricultura

DIRETORES

Prof. N. Athanassoi

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi - mensal de ensinamento teorico e pratico

Vol. 16

Novembro - Dezembro de 1941

N. 11 - 12

A PELAGEM TOBIANA OU PAMPA NO BRASIL

Prof. OCTAVIO DOMINGUES

da Escola Nacional de Agronomia

DEFINIÇÃO — Pampa ou tobiano é uma modalidade de pelagem, dita conjugada, segundo a classificação sistematizada por Odilon Ribeiro Nogueira (1), e que constitui o esforço mais inteligente, já feito no Brasil, e o primeiro para estabelecer um pouco de ordem, na balbúrdia das pelagens. O pampa resulta da conjugação de duas pelagens distintas, sobre o mesmo indivíduo: tobiano no extremo sul, e pampa de São Paulo para o norte. A cor fundamental, porque essencial, sem a qual não há pampa ou tobiano — é a branca, que está conjugada ou remendada ao preto, ao vermelho ou ao

baio. Então ao se nomear um cavalo com duas côres conjugadas, diz-se:

- 1 — Preto pampa (muito preto e pouco branco).
- 2 — Castanho pampa (idem quanto ao castanho).
- 3 — Baio pampa (idem quanto ao baio).

Ou no caso contrário:

- 1 — Pampa de preto.
- 2 — Pampa de castanho.
- 3 — Pampa de baio.

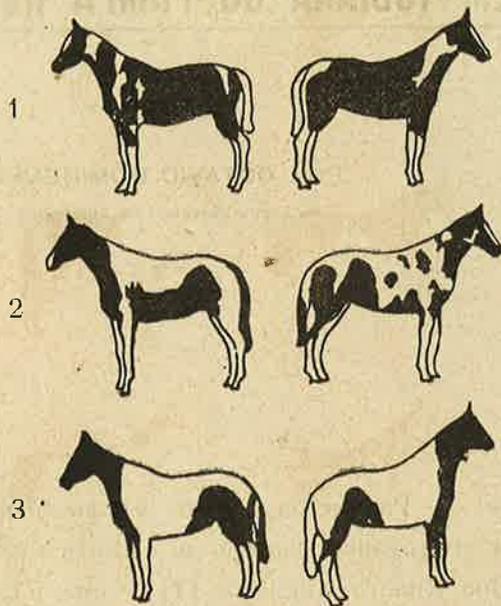


Fig. 1 - Esquemas de pelagem pampa, 1, 2, 3 com manchas dorsais, e de natureza do minante 1 e 3 casos extremos; 2 - caso medio.

Como se vê, nessa conjugação não há limite para as manchas brancas, nem para as da outra côr. Nem localização, podendo invadir mais ou menos a cabeça, ou mesmo não invadí-la.

Essa qualidade de pelagem é pouco encontradiça (talvez um por mil, nas cavalhadas brasileiras) e é considerada indesejável. Na descrição da raça “Criola” está bem expresso isso mesmo: “buscar-se-á eliminar os oveiros ou tobianos, que embora sendo pelagem reconhecidamente criolas são de difícil venda aos principais compradores” (2). No norte do Brasil, pelo que observei, é uma pelagem muito rara, e muito desestimada, apesar de seu efeito estético inegável. Parece só suportar preferências em se tratando de animais para Circo.

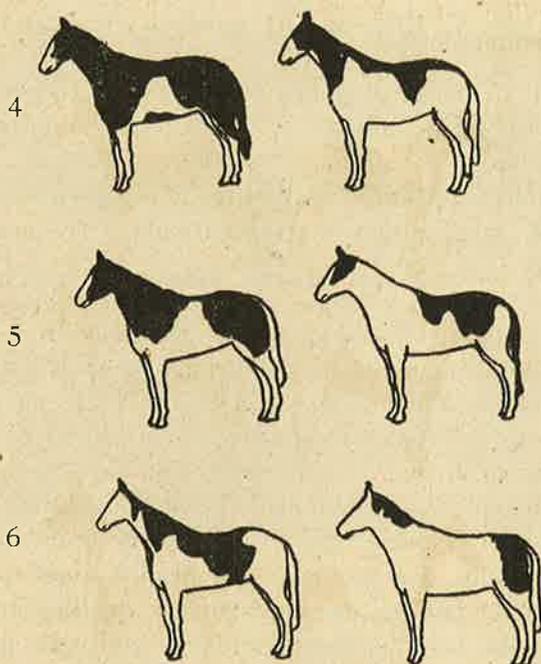


Fig. 2 - 4, 5, 6 com manchas ventrais de natureza recessiva. 4 e 6 casos extremo; 5 - caso mediano. (Do trabalho de V. Klemola - "The Journal of Heredity" 24: 2: 65-69).

ORIGEM DA PALAVRA — A origem da palavra “pampa” só pode ser atribuída a algum cavalo, dessa cor, vinda dos pampas gauchos, para o norte do Brasil. É essa uma suposição sem outro elemento de convicção que êsse da similitude dos

termos. É o que lembra Antonino da Silva Neves (3) sem argumentar.

A palavra "tobiano", sinônima de "pampa", que é de uso entre os gauchos, tem sua origem num certo Tobias, que apreciava demais o cavalo de duas côres, e o introduziu no Rio Grande do Sul, onde se formou e persiste a denominação.

UMA DISTINÇÃO A FAZER — Olhando-se mais atentamente a manifestação da pelagem "malhada" nos equinos, verificar-se-á a possibilidade de distinguir duas formas de expressão dela. Foi o que V. Klemola (4) mostrou, explicando que:

1 — numa delas, as malhas brancas se distribuem mais na região dorsal, alcançando a cabeça parcialmente, ou não;

2 — noutra, as malhas interessam preferentemente a região ventral, com invasão mais acentuada e frequente da cabeça.

Além do pampa há as manchas nos membros, que constitue uma particularidade de pelagem, não confundível com a que está sendo aqui estudada. Essa confusão não deve ser feita nem do ponto de vista ezoognósico, nem genético.

A primeira forma, que podemos chamar de malhas dorsais (ou "piebald", segundo propõe Klemola) diz respeito às raças de cavalo oriental, sendo encontrada, informa Klemola (4), "nos cavalos dos pampas, dos prados americanos e em várias raças de poneys, particularmente de Shetland".

A segunda (ou "splashed white", conforme a proposta de Klemola), de malhas ventrais e craneanas, é própria das raças nativas do norte da Europa. A malha sendo sempre presente na cabeça, interessa aos olhos, atingindo mesmo a íris, cuja "membrana externa é também branca, constituindo a peculiaridade *wall eye* (gázeo) ou *glass*" (Klemola).

Geneticamente a manifestação delas é distinta: a primeira forma se mostra dominante, e a segunda, recessiva. A forma recessiva deu margem até a uma abusão, entre os camponeses do norte da Europa, os quais não sabendo como possa nascer

um cavalo de duas côres, filho de um casal de uma só côr, levavam o fato à conta de “mau olhado” ou seja de impressões recebidas pela mãe gestante.

OS CAVALOS MALHADOS NO BRASIL — O que nos interessa agora é estabelecer alguma relação entre êsses informes interessantes de Klemola e o caso particular do nosso tobiano. Qual a origem provável dessa pelagem, nas cavahadas brasileiras?

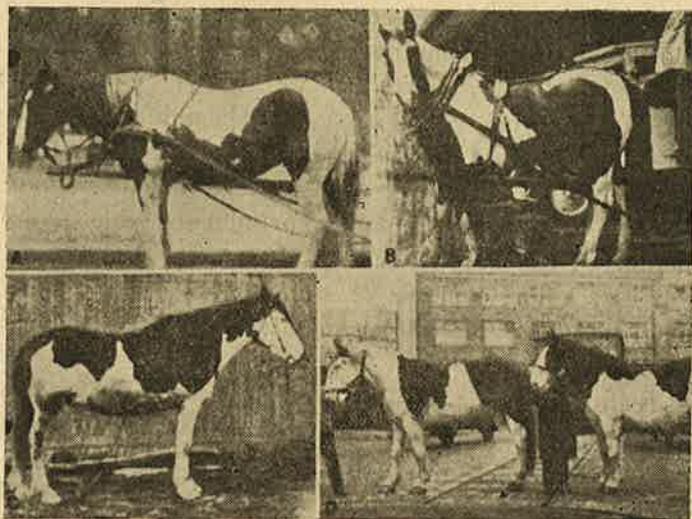


Fig. 3 — Em cima - dois exemplares de pampa, cuja malha branca é dorsal, e mendelianamente dominante. Em baixo - três exemplares de pampa, cuja malha branca é ventral, e de natureza recessiva. (Do trabalho de V. Klemola - “The Journal of Heredity” 24: 2: 65-69),

Sabemos que ela ocorre de norte a sul do Brasil, numa proporção que não estará longe de 1 o/oo, como disse, constituindo mesmo uma das várias colorações do nosso famoso “Criolo”, embora indesejável, o que também acontece, nos outros casos, quando aparece nos nossos equinos nativos, de raça não definida.

O sr. Antonino da Silva Neves, que se notabilizou pela sua fértil imaginação zootécnica, nos fala de uma raça (!) pampa, em termos os mais empolgantes: "O pampa, por ventura, é a única raça equina nacional, de caracteres imutáveis, manentes, existindo, outrora superiormente pura, na bacia do S. Francisco, seu ponto secular de irradiação" (3). E ajunta uma lenda wagneriana a respeito de sua formação, que não resisto ao prazer de divulgá-la. Segundo essa lenda, no tempo em que os fidalgos dominavam os sertões dos Tapuias, uma poldra virgem, de côr branca, e considerada a mais formosa das margens do S. Francisco, que era o reino misterioso do Caboclo d'água — transmalhou-se, e passou a viver vagucando sozinha, por outros campos. Um dia, na lua nova, "cheia de fogo", foi beber em certa cachoeira encantada do Urucaia. Porém, ao pôr a boca no rio, para beber, foi arrebatada pelo Cavalo d'água, que "era negro como a escuridão", e nas chuvas seguintes, veio ao mundo o primeiro cavalo pampa do continente.

Por essa lenda, como se vê, o pampa ou tobiano seria uma formação indígena e verdadeiramente inédita. Mas deixemos o mundo imaginoso.

A realidade é que a pelagem pampa, dos nossos cavalos, parece ter uma origem mais natural — veio com os cavalos importados, para o povoamento dos nossos campos, em eras coloniais. Mas, por via de que raça? Três são as hipóteses a estabelecer:

1 — Por meio de representantes de certas raças orientais — cavalos espanhóis e portugueses, de pelagem pampa, ou Poneys.

2 — Por meio de representantes de raças do norte da Europa, do tipo étnico *germanicus*.

3 — Por meio de cavalos importados pelos holandeses, do tipo étnico *frisius* (tradição oral citada por alguns autores, inclusive na carta que motivou êste trabalho (*)).

(*) — Carta da Associação dos Criadores de Cavalos Crioulos, dirigida ao autor, solicitando dizer o que souber sobre "a introdução no rebanho equino brasileiro da pelagem tobiana". Pelotas, 28 de outubro de 1940. Ass. Alcides Marques e Ayres da Cunha Echenique.

Dessas três hipóteses a terceira se me afigura a mais duvidosa, porquanto não passa de mera suposição essa influência da raça frísia ou holandesa, na formação dos nossos cavalos. É verdade que os holandeses, embora não tivessem se dedicado à pecuária (eram mais traficantes do que agricultores — o holandês pastor não emigrou, e sim aquela população holandesa das cidades, nada radicada à terra, sobretudo mestiça e de origem estrangeira), embora não se tivessem radicado à pecuária, sempre se preocuparam com a criação de gado nos sertões, sem cujos rebanhos não teriam provisão para sua alimentação (5). Deve ter havido um cuidado em fomentar e talvez melhorar a criação das espécies domésticas, entre as quais a equina. Mas a raça holandesa comum, de equinos, não se prestaria aos serviços que se pediam e se pedem ao cavalo do nordeste. Se houve alguma importação do cavalo pesado, linfático e lerdo da Holanda de 1640, estes provavelmente não se aclimaram, e não deixaram descendência. Demais, na descrição do *Equus caballus frisius* não se encontra referência à pelagem de duas côres (Sanson, Diffloth). Sendo assim, na hipótese de terem vindo para a colônia batava, no Brasil, cavalos desse tipo étnico, com eles é nada provável que tenha vindo a pelagem pampa, que não é citada entre as pelagens desse tipo étnico, como já foi dito.

Entre as variedades do *E. c. frisius* somente o Clydesdale tem manchas brancas, mas nos pés, constituindo uma característica de pelagem que, vimos, não deve ser confundida com a pelagem tobiana ou pampa, em suas duas modalidades citadas: dorsal e ventral. E demais o Clydesdale é inglês, embora ligado ao tronco frisio por Sanson (6).

Agora examinemos as outras duas hipóteses citadas.

Antes de tudo porém, precisamos saber qual a forma de malhas, que ocorre nos nossos cavalos de duas côres. Ventral (*splashed white*) ou dorsal (*piebald*) ?

Ninguém ignora que, entre nossos equinos, há cavalos malhados ou “remendados”, como também os chamam, e cuja malha branca fica localizada na barriga e ventre. Essa pelagem é até denominada “pangaré”, em alguns Estados. Pode-

mos, pois, dizer que existe no Brasil, a forma ventral de pampa ou tobiano.

Por outro lado a pelagem tobiana, do Criolo, segundo informação oral que obtive do dr. Silvio Echenique, é de feitio dominante, nos cruzamentos. É permitido, portanto, aproximá-lo da forma de malhado dominante (*piebald*).

E, se assim é, chegamos à conclusão de que há, na nossa cavallhada, as duas formas de pampa ou tobiano: a ventral, mendelianamente recessiva, e a dorsal, mendelianamente dominante.

Aceita essa conclusão, será lícito passarmos à outra, que decorre dela, e que constitue a resposta que procuramos. A origem dos nossos cavalos "remendados" ou de duas côres não pode ser única, em face das premissas estabelecidas. Tem de ser dupla:

1 — Sangue oriental através de cavalos espanhóis e portugueses, e talvez ainda de sangue Poney.

2 — Sangue germânico (*E. c. germanicus*) vindo através de cavalos holandeses (da Holanda, e não propriamente *E. c. frisius*).

Quanto à primeira origem, se não nos é possível fazer uma afirmativa categórica, ela não pode entretanto ser negada assim, sem comprovação. Partindo-se do conhecimento de que ocorre, como vimos, a pelagem de duas côres, nos cavalos de sangue oriental e no Poney (4), e os nossos cavalos tendo tido como origem primeira os cavalos da península ibérica (de sangue árabe e barbe), e tendo havido introdução de poneys, embora em escala muito reduzida — creio ser aceitável, nos termos propostos, esta primeira hipótese (certamente a contribuição do Poney só pode ter sido muito insignificante, na melhor das hipóteses).

Quanto à segunda origem, a argumentação é a seguinte. Segundo V. Klemola (4), o malhado recessivo (*splashed white*) é próprio das raças do norte da Europa, que podemos filiar ao *E. c. germanicus* (6). Mas não sabemos como imaginar a hipótese da introdução de tais cavalos, a ponto de virem in-

fluir na formação de nossa cavallhada. Surge a idéia de que o sangue germânico poderia ter vindo trazido pelos holandeses, ao importarem cavalos da metrópole, durante seu domínio em Pernambuco. Mas sangue germânico, em cavalos holandeses do século XVII, é preciso não esquecer.

Esta dupla conclusão, a que chegamos, não passa todavia de uma hipótese, que poderemos chamar de hipótese de trabalho. Isto é, para estudo e verificação afin de que se consigam outros elementos que venham esclarecer talvez definitivamente, então, o assunto, porquanto os elementos de que dispomos atualmente só podem nos fazer chegar à hipótese de trabalho, acima apresentado.

Como se vê, a questão é bem complexa, e se nos apresenta até com ares de insolúvel, às vezes. Todavia uma coisa não é possível negar-se, a legitimidade de nossa hipótese, a única possível presentemente.

BIBLIOGRAFIA

- (1) — RIBEIRO NOGUEIRA, ODILON (1920) — *Exterior dos Grandes Animais Domésticos* — São Paulo.
- (2) — *Standard ou Padrão da raça Crioula* — Associação dos Criadores de Cavalos Crioulos — Pelotas - S/ data.
- (3) — NEVES, ANTONINO DA Silva (1918) — *Origem provável das Raças que povoam o território pátrio* — São Paulo.
- (4) — KLEMOLA, V. (1933) — *The "pied" and "splashed white" patterns in Horses and Ponies* — In "The Jour. Hered." - 24:2:65 - 69.
- (5) — RODRIGUES J. H. E RIBEIRO J. (1940) — *Civilização Holandesa no Brasil* — São Paulo.
- (6) — SANSON, A. (1911) — *Traité de Zootechnie*, vol. III — Paris. 5ème ed.
- (7) — DIFFLOTH, PAUL (1916) — *Races chevalines*. Paris 4ème ed.